

# A filosofia de Dewey e o letramento informacional: pensamento reflexivo e crescimento na conquista do ‘aprender a aprender’

**José Claudio Morelli Matos**

Doutor em Filosofia pela Universidade de São Paulo (USP) – SP. Professor da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC) - Florianópolis, SC - Brasil.

<http://lattes.cnpq.br/5814859475637460>

*E-mail:* doutortodd@gmail.com

**Khaterin Ferreira**

Graduada em Biblioteconomia pela Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC) - Florianópolis, SC - Brasil.

<http://lattes.cnpq.br/0600656879424870>

*E-mail:* keke\_pessoa@hotmail.com

Submetido em: 18/05/2016. Aprovado em: 18/10/2016. Publicado em: 08/12/2017.

## RESUMO

Examina a influência da teoria do crescimento de John Dewey nas discussões sobre letramento informacional, partindo da possibilidade de estudar o letramento informacional como problema filosófico. Para atingir os objetivos, procura caracterizar o letramento informacional, referindo-se a estudos acerca do tema, em especial os de Kelley Gasque e Marcus Vinícius da Cunha. No pensamento de Dewey, as referências são os livros *Democracia e Educação* (1916) e *Como Pensamos* (1933). Na medida em que boa parte dos estudos sobre letramento informacional destacam o ‘aprendizado ao longo da vida’ (*lifelong learning*) e o ‘aprender a aprender’ (*learn to learn*), é preciso que se examinem os fundamentos e o significado preciso dessas expressões. Pode ser observado que, além do que Gasque e Cunha reconhecem, não apenas a teoria do pensamento reflexivo, de Dewey, é importante para o letramento informacional, como também, e principalmente, sua teoria sobre o crescimento. Conclui-se que há uma ligação entre a teoria do crescimento como ‘aprender a aprender’, a adaptação entre indivíduo e meio e os fundamentos conceituais expressos nos estudos sobre o que se tem denominado letramento informacional.

**Palavras-chave:** John Dewey. Letramento informacional. Pensamento reflexivo.

## ***Dewey's philosophy and information literacy: reflective thinking and growth in achieving ‘learning to learn’***

### ABSTRACT

*It is examined the influence of John Dewey's theory of growth in the discussions concerning information literacy, supposing the possibility that the information literacy be considered as a philosophic problem. To reach this aims, it attempts to characterize information literacy, referring to some studies about the subject, in special from Kelley Gasque e Marcus Vinícius da Cunha. In Dewey's thought, the main references are the books *Democracy and Education* (1916) and *How we Think* (1933). While great part of the studies about information literacy remarks the ‘lifelong learning’ and ‘learn to learn’, we need to examine the foundations and meaning of these expressions. It can be noted that, beyond Gasque and Cunha presents, not only the reflective thought, but also Dewey's theory of growth is crucial to an account on information literacy. It is concluded that there is a connection between the concept of growth as ‘learn to learn’, the individual adaptation to environment, and the conceptual foundations expressed in the studies about what have been called of information literacy.*

**Keywords:** John Dewey. Information literacy. Reflective thought. Growth.

## **La filosofía de Dewey y el letramiento informacional: pensamiento reflexivo y crecimiento en la conquista del 'aprender a aprender'**

### **RESUMEN**

Examina la influencia de la teoría del crecimiento de John Dewey en las discusiones sobre letras informativas, partiendo de la posibilidad de estudiar el letramiento informativo como problema filosófico. Para alcanzar los objetivos, busca caracterizar el letramiento informacional, refiriéndose a estudios sobre el tema, en especial los de Kelley Gasque y Marcus Vinicius da Cunha. En el pensamiento de Dewey, las referencias son los libros *Democracia y Educación* (1916) y *cómo pensamos* (1933). En la medida en que buena parte de los estudios sobre letras informativas destacan el aprendizaje a lo largo de la vida y el aprender a aprender, es necesario que se examinen los fundamentos y el significado preciso de esas expresiones. Se puede observar que, además de que Gasque y Cunha reconocen, no sólo la teoría del pensamiento reflexivo, de Dewey, es importante para el letramiento informativo, como también, y principalmente, su teoría sobre el crecimiento. Se concluye que hay un vínculo entre la teoría del crecimiento como 'aprender a aprender', la adaptación entre individuo y medio y los fundamentos conceptuales expresados en los estudios sobre lo que se ha denominado letramiento informacional.

**Palabras clave:** John Dewey. Lactancia Informacional. Pensamiento reflexivo.

### **INTRODUÇÃO**

Este artigo tem como objetivo avaliar a influência do pensamento de John Dewey nas discussões sobre o letramento informacional. Tem sido reconhecido por pesquisadores no Brasil - sobretudo por Kelley Gasque (GASQUE; CUNHA, 2010, GASQUE, 2012) - que a teoria deweyana do pensamento reflexivo é um fundamento relevante para qualquer iniciativa que deseje promover o letramento informacional. Esta fundamentação se justifica tanto do ponto de vista da relação entre os usuários e os serviços de informação, quanto do ponto de vista da formação das pessoas para os hábitos da pesquisa e da atitude crítica.

A fim de atingir seu objetivo, o estudo procura caracterizar o campo do letramento informacional e o contexto histórico de seu surgimento, relacionado com a explosão informacional observada a partir do fim da Segunda Guerra Mundial. Parte-se da interpretação dos trabalhos de Gasque (2010 e 2012) e Gasque & Cunha (2010), além de outros trabalhos publicados nesse campo, para identificar a relação que tais autores reconhecem entre a ideia de 'pensamento reflexivo' e os fundamentos conceituais do letramento informacional, como um conjunto de hábitos e disposições que favorecem o uso eficiente e reflexivo da informação.

O problema formulado por Gasque é o da relação entre o letramento informacional e o pensamento reflexivo. Nos termos em que foi por ela proposto, devemos considerar que sua solução é bem-sucedida, tanto no artigo em coautoria com o professor Cunha (2010) como no seu livro de 2012, *Lectramento informacional: pesquisa reflexão e aprendizagem*, no qual explora em mais detalhe uma proposta reflexiva para o ensino do letramento informacional. Do ponto de vista do recorte metodológico feito nesses trabalhos, nada há que justifique a crítica de seus resultados. Mesmo assim, uma reflexão conforme a abordagem filosófica, mais geral e abrangente - e que procure pelos pontos em que o letramento informacional dialoga com o pensamento de Dewey e seu legado - precisa estender seu olhar aos assuntos que não foram tratados expressamente por Gasque. Nessa linha de interpretação, pretende-se argumentar que a fundamentação para a reiterada menção das expressões 'aprendizado ao longo da vida' e 'aprender a aprender', em diversas produções sobre o tema, é a teoria sobre o crescimento, desenvolvida por Dewey na obra *Democracia e Educação* (1916).

Finalmente, espera-se mostrar que há outros elementos relevantes do pensamento de Dewey, não expressamente tratados pelos autores já mencionados, que são fundamentais para compreender o que está envolvido no projeto de formação de pessoas letradas em informação. Em especial, devem receber destaque, aqui, os dois seguintes elementos:

1. a teoria deweyana do crescimento, que atribui valor à busca de uma vida de aprendizagem constante.
- b. a formulação do crescimento como a capacidade individual de modificar e conduzir sua própria aprendizagem.

No esforço de pensar filosoficamente esse conjunto de problemas, é preciso integrar os estudos de diferentes áreas do conhecimento, de diferentes comunidades de estudo e de competência profissional, e de diferentes métodos de abordagem da realidade. A indicação mais clara da possibilidade de aproximação desses campos, no caso do letramento informacional, é entre a ciência da informação e a educação. John Dewey é conhecido por sua insistência em uma reflexão integradora, pela interlocução entre os saberes e os interesses compartilhados em uma comunidade, e pelo que ele mesmo chamou de 'dissolução dos dualismos' que se impõem artificialmente sobre as demandas que a vida social apresenta. Nesse campo de intersecção faz todo o sentido encontrar na obra de Dewey importante fundamento teórico, como Gasque e Cunha perceberam muito bem. Mas, num segundo momento, pode-se explorar a trilha aberta por essas pesquisas, procurando refletir acerca do letramento informacional em termos filosóficos, e não somente em termos científicos.

Vale a pena dizer aqui sobre uma concepção de filosofia que dirija suas reflexões, em diálogo com as diversas ciências, a uma interpretação compreensível de certos problemas formulados a partir do campo do letramento informacional. Este trabalho parte do pressuposto básico de que é possível estudar o campo do letramento

informacional como um problema filosófico. E que, em linhas mais gerais, a relação do ser humano com a informação, na época atual, pode e deve ser objeto de estudos filosóficos desse tipo.

## O CONTEXTO HISTÓRICO DO LETRAMENTO INFORMACIONAL

É um fato bastante conhecido que nos últimos 70 anos, aproximadamente, ocorreu rápida e profunda mudança na circulação da informação. Como fatores normalmente apontados para essa mudança, cita-se a disseminação das tecnologias do processamento da informação, especialmente o computador, e a reorganização econômica e política das sociedades industrializadas. Com dispêndio muito menor de tempo, recursos e energia, um indivíduo ou uma organização passam a poder buscar e acessar um montante imensamente maior de informações do que seria possível até a primeira metade do século XX.

Esse 'salto evolutivo' da cultura e da informação correspondeu a um esforço para dar tratamento científico ao fenômeno e permitir que essa dimensão expandida da informação fosse organizada e empregada da melhor maneira nas diversas atividades produtivas da sociedade contemporânea. Esta vem sendo, desde então, a principal preocupação de pesquisadores e profissionais da informação. Com o avanço das tecnologias da informação e comunicação se vê extensa gama de informação disponível, mas fica claro, pelo modo como muitas pessoas usam essas ferramentas, que elas nem sempre sabem lidar de modo adequado com as informações que seriam úteis para a sua conduta teórica e prática.

O bibliotecário norte-americano Paul Zurkowski, participando dessa discussão, produziu em 1974 o conhecido artigo em que cunhou o termo "*information literacy*", que se intitula "The information service environment relationships and priorities". Zurkowski afirma que "nós experimentamos uma superabundância de informação sempre que a informação disponível excede a nossa capacidade para avaliá-la (ZURKOWSKI, 1974, p. 1).

Seu objetivo era analisar estrategicamente o fenômeno que chamamos de ‘era da informação’, a fim de desenvolver a capacidade das pessoas de fazer o melhor uso da informação. A isso ele chamou de “*information literacy*”, traduzido no Brasil como “competência em informação” e mais rigorosamente “letramento informacional” (GASQUE, 2010).

Zurkowski define as pessoas que desenvolveram o letramento informacional nos seguintes termos: “Elas aprendem técnicas e habilidades para utilizar o grande montante de ferramentas de informação como fontes primárias para moldar soluções informacionais para seus problemas” (ZURKOWSKI, 1974, p. 6). Ora, não é coincidência o uso de termos como “ambiente” (*environment*), no título do artigo, e nem é especulação demasiada reconhecer a analogia entre a concepção de ambiente informacional de Zurkowski e as teorias sobre a relação de adaptação mútua entre o organismo e seu meio ambiente. Zurkowski fala de competitividade quanto à busca e uso da informação. Ele pensa nas pessoas como usuárias de um recurso ambiental: a informação. O valor para o usuário é tanto maior quanto maior é o “controle que proporciona a ele sobre o que ele é e o que pode se tornar” (ZURKOWSKI, 1974, p. 6). Há uma espécie de ecologia da informação sendo usada para fundamentar a distinção entre o indivíduo letrado em informação e o que não é. O indivíduo letrado, diferentemente do não letrado, é mais capaz de se adaptar e de obter controle do ambiente informacional em seu próprio benefício.

Na pesquisa sobre este assunto no Brasil, a concepção adaptativa do letramento informacional também pode ser observada como um pano de fundo, um pressuposto inicial, mesmo que nem sempre assumido explicitamente. O pressuposto pode ser detectado em uma análise atenta o bastante. Um exemplo marcante desta tendência a interpretar o letramento informacional em termos ambientais e adaptativos é o de Kelley Gasque. Isso é ainda mais relevante por se tratar aqui da estudiosa que primeiro apontou a afinidade entre o letramento informacional e o pensamento de John Dewey.

Em seu livro *Letramento informacional: pesquisa, reflexão e aprendizagem* (2012), a autora afirma que após a Segunda Guerra Mundial, a produção científica e tecnológica teve crescimento muito grande. A informação, vista como produto humano, teve queda de custo e começou a ser repassada com velocidade cada vez maior. Mas os indivíduos não estavam preparados para lidar com tanta informação, e isso provoca uma crise, pois era muita informação sendo disponibilizada e não havia tempo de ela ser organizada, classificada e compreendida pelos usuários, a fim de atender suas demandas (GASQUE, 2012, p. 26).

Com essa grande mudança, faz-se necessária uma adaptação correspondente. Segundo a autora, Dewey e outros pensadores “propõem que os indivíduos estejam no centro do processo de aprendizagem e suas experiências sejam consideradas como ancoragem para os novos conhecimentos” (GASQUE, 2012, p. 26). Isso significa que se começou a perceber que era necessário preparar os cidadãos para lidar com a informação e usá-la em outras áreas da vida, e não apenas nas atividades profissionais. “Há fortes evidências de que tal processo é crucial na sociedade atual, submetida a rápidas e profundas transformações em virtude da grande produção de conhecimentos científicos e tecnológicos” (GASQUE, 2012, p. 40). Surge com isso o desejo de usar as variações adaptativas criadas a partir da explosão informacional, não somente na educação e nas profissões, mas em todos os ambientes sociais.

Em geral, muitos pesquisadores do letramento informacional costumam atribuir forte ênfase às tecnologias da informação, como se informação e tecnologia se complementassem e se, obtendo-se as duas, fosse possível resolver os problemas e demandas que os indivíduos e organizações apresentam. Na verdade, a informação disponível, não sendo capaz de ser utilizada de modo correto, acaba sendo inútil e prejudicando quem a usa. Bernadete Campello, em seu artigo “O movimento da competência informacional: uma perspectiva para o letramento informacional” (2003), afirma

que até 1950, as bibliotecas concentravam sua relação com as pessoas no serviço de referência, e não havia programas para a formação de pessoas letradas em informação. Acrescenta que, em 1960, a AASL (American Association of School Librarians) começou a ter uma abordagem chamada de “guia” ou “foco no programa”. Isso influenciou as bibliotecas, que perceberam a sua importante contribuição nas novas didáticas da informação que estavam aparecendo. O passo seguinte foi o surgimento do *Information Literacy* e a vinculação do termo à noção de cidadania.

Cidadãos competentes no uso da informação teriam melhores condições de tomar decisões relativas à sua responsabilidade social. A competência informacional, embora ainda não claramente definida, era vista como solução para questões de extrema complexidade (CAMPELLO, 2003, pg.30).

Pelo que é descrito pela autora, nesse período as teorias de aprendizagem já começavam a aparecer em estudos da ciência da informação.

Em seu artigo intitulado “*Information literacy*: princípios, filosofia e prática” (2003), Elisabeth Dudziak diz que o número de publicações sobre o letramento informacional tem aumentado e se difundido nos últimos anos. Segundo a autora:

Várias organizações se estabeleceram nos anos 90, e a *information literacy* ganhou dimensões universais, disseminando-se nos vários continentes, havendo uma busca constante pela elucidação do conceito, procurando torná-la acessível a um número cada vez maior de pessoas (DUDZIAK, 2003, p.28).

No Brasil, os precursores do letramento informacional são os pesquisadores da ciência da informação, que desenvolveram estudos sobre educação de usuários. Dudziak diz que, vendo a evolução do conceito e pensando na concepção voltada ao aprendizado ao longo da vida, define-se letramento informacional como “o processo contínuo de internalização de fundamentos conceituais, atitudinais e de habilidades necessárias à compreensão e interação permanente com o universo informacional e sua dinâmica, de modo a proporcionar um aprendizado ao longo da vida”

(DUDZIAK, 2003, p.28). É assim que a ideia de aprendizado ao longo da vida vem constituindo um dos principais fundamentos do letramento informacional.

A educação voltada ao letramento informacional é vista como o caminho para formar pessoas capazes de conduzir processos de aprendizagem ao longo da vida. O objetivo seria garantir a capacidade individual de assimilar e empregar a informação, hoje disponível em abundância, a fim de obter dois resultados:

- a. o controle inteligente das situações na vida do indivíduo, por meio da reflexão guiada por informações mais adequadas, e;
- b. a contínua reconstrução e transformação do ambiente social, visando a evolução da sociedade.

## **COMPETÊNCIA, LETRAMENTO E A FORMAÇÃO DA PESSOA REFLEXIVA**

Estudos publicados sobre letramento informacional deixam claro o interesse preponderante em achar um modo de acabar com o problema relacionado a competências específicas na pesquisa, na educação e nas tarefas profissionais. Parece haver uma corrente de estudiosos do assunto mais interessada na eficiência instrumental que pode ser obtida em procedimentos que envolvem informação, do que em capacitar as pessoas para dirigir seus próprios processos de aprendizagem. Outra vertente de estudos tem seu foco na capacidade dos cidadãos de refletir de maneira profunda e crítica, e cujo objetivo maior seria a apropriação da informação como instrumento de mudança nas condições da vida compartilhada.

Diante dessa distinção entre uma abordagem mais instrumental e uma mais humanística, preferiu-se utilizar aqui a expressão ‘letramento informacional’, em vez de ‘competência em informação’. Letramento parece transmitir a ideia de que o indivíduo tem a possibilidade de aprender desde cedo a usar a informação disponível, não somente para objetivos

definidos pela profissão ou pesquisa acadêmica, mas para a vida social e o exercício da cidadania. Gasque (2010, p.4) diz que “a essência do letramento informacional consiste, *grosso modo*, no engajamento do sujeito nesse processo de aprendizagem a fim de desenvolver competências e habilidades necessárias à busca e ao uso da informação de modo eficiente e eficaz”. É exatamente isso se quer expressar quando se pensa em um aprendizado ao longo da vida para fazer bom uso da informação. Letramento informacional é, então, a capacidade de aprender a usar a informação de maneira eficaz e correta, usar experiências passadas a favor de novas ideias.

O letramento, segundo essa concepção, certamente é um processo de aprender ao longo da vida. É algo contínuo, que se prolonga por todo o curso da experiência de alguém. O indivíduo letrado está sempre aberto a acolher informações novas, aprendendo a obtê-las e a usá-las, e não há quem realmente já saiba como fazer isso sem aprendizagem adequada. É algo que não se aplica apenas à profissão ou currículos acadêmicos, mas sim a todos os assuntos, desde as relações organizacionais e produtivas, ao conjunto de atividades sociais, políticas, e da pesquisa científica.

Em 2010, no artigo intitulado “A epistemologia de John Dewey e o letramento informacional”, Kelley Gasque e Marcus Vinicius da Cunha desenvolveram um argumento identificando a teoria do pensamento reflexivo de John Dewey com o comportamento da pessoa letrada em informação. Segundo tais autores, o pensamento reflexivo – tal como Dewey concebe - não busca meras verdades: As conclusões são sempre sujeitas a testes e, se for preciso, devem ser reformuladas. O pensamento reflexivo é o meio mais eficaz de se usar informação para resolver um problema. “É um tipo de pensamento que consiste em examinar mentalmente um assunto e direcionar-lhe o fluxo em partes sucessivas, em que cada ideia se apoia nas antecessoras e produz as seguintes” (GASQUE; CUNHA, 2010, p.141). Na teoria de Dewey, o pensamento reflexivo possui duas fases: A primeira é a da dúvida ou indagação, e a segunda é o ato de pesquisar informações que ajudem a resolver a dúvida.

O pensamento reflexivo tenta levar ao caminho da solução de um problema, e a natureza dele é que irá determinar os objetivos que guiarão o processo de pensar. Os ‘dados’, ou sugestões devem vir das próprias experiências do indivíduo que investiga.

A obra de Dewey à qual Gasque e Cunha fazem referência em seu artigo é o livro *Como Pensamos*, publicado inicialmente em 1910 e reeditado em uma versão modificada em 1933. A edição de 1910 está marcada fortemente por uma descrição comportamental dos processos de pensamento. Dewey propõe que o pensamento reflexivo é a melhor maneira de organizar a relação entre pensamento, crença e comportamento dela decorrente. “As consequências de uma crença sobre outras crenças e sobre o comportamento podem ser tão importantes, então, que os homens são forçados a considerar os fundamentos ou razões de sua crença e suas consequências lógicas” (DEWEY, 1997, p. 5). A preocupação com o uso do pensamento para a condução das ações e comportamentos leva Dewey ao problema da formação ou capacitação das pessoas para a prática do pensamento reflexivo. E tal problema é incluído na edição de 1933 de *Como Pensamos*. O segundo capítulo, por exemplo, discute as razões pelas quais o pensamento reflexivo deve ser um objetivo da educação.

Algumas atitudes ajudam a desenvolver esse tipo de pensamento. As “atitudes favoráveis” (DEWEY, 1979, p.38) são: espírito aberto, que significa não estar preso a nenhum conceito, pôr à prova toda ideia, mesmo as que já foram dadas como certas; dedicar-se de todo o coração, quando a pessoa se concentra totalmente no objeto de sua reflexão; e responsabilidade, que é necessária como base para se assumir novas ideias, pontos de vista, pensamentos. Há também certas tendências inatas que agem em todos os indivíduos, e que se pode relacionar ao pensamento reflexivo. “O pensar real tem sua própria lógica que se refere ao movimento contínuo e ordenado em direção à conclusão [...] o psicológico e o lógico não se opõem mutuamente, mas são conexos, como estágio inicial e estágio terminal do mesmo processo, cujas interações devem ser propiciadas pela educação” (GASQUE;

CUNHA, 2010, pg.141). Na medida em que pode ser identificado com o pensamento reflexivo, o letramento informacional é um processo de aprendizagem, e deve ocorrer continuamente ao longo da vida.

Podemos dizer que o letramento informacional implica uma reforma nos hábitos de pensamento. A reforma visa ao melhor reconhecimento de necessidades e de fontes de informação, e na maneira de empregar a informação para gerar conhecimento seguro: que tem relação com os fatos apresentados e cuja validade pode ser testada. Tal modo de pensar “firma uma crença em sólida base de evidência e raciocínio” (DEWEY, 1979, p.18). Após ter passado sob teste suas crenças e opiniões, o indivíduo adquire algo a ser usado para o próprio proveito, e que o faz querer testar outras ideias. O pensamento reflexivo, segundo Dewey (1979, p.) “faz um ativo, prolongado e cuidadoso exame de toda crença ou espécie hipotética de conhecimento, exame efetuado à luz dos argumentos que a apoiam e das conclusões a que chega”. Gasque e Cunha, conforme foi visto, exploram a relação da teoria de Dewey sobre o pensamento reflexivo com as teorias e conceitos sobre o letramento informacional. Eles propõem “o emprego do pensamento reflexivo como elemento fundamental na construção das competências necessárias à busca e ao uso da informação” (GASQUE; CUNHA, 2010, p. 40). Uma das consequências dessa identificação é a proposta de iniciativas educacionais que visem ao letramento informacional como um objetivo da escola. Se o letramento informacional envolve estar constantemente praticando o que Dewey chama de ‘pensamento reflexivo’, então, ser letrado informacionalmente envolve usar de maneira reflexiva as informações adquiridas para aprender ainda mais.

## **INFORMAÇÃO, TRANSFORMAÇÃO E A RELAÇÃO ENTRE INDIVÍDUO E AMBIENTE**

Dewey, em seu livro *Democracia e Educação* (1916), desenvolve uma teoria sobre os fundamentos para a educação em uma sociedade democrática. Um dos fundamentos é o contínuo processo de reconstrução da experiência, que provoca a mútua adaptação entre os indivíduos e seu meio ambiente natural e social. Dewey inicia sua exposição argumentando que o que diferencia os seres vivos dos objetos inanimados é a capacidade de se conservar e renovar. Enquanto, por exemplo, a chuva e o sol causam o desgaste de uma rocha, para o ser vivo a chuva e o sol são recursos que ele tenta aproveitar em seu próprio benefício. Se o ser vivo estabelece uma relação estável com o seu meio, ele está adaptado e a vida segue se renovando, se não é possível, a adaptação e a interação fracassam.

O processo de renovação da vida pela interação entre organismo e ambiente é uma regularidade de amplo alcance, fundamentada em vasta base científica e filosófica. Dewey aplica tal princípio à vida social, à educação e aos processos de pensamento e aprendizagem, segundo uma formulação que ficou conhecida como “princípio da continuidade” (DEWEY, 2008, p. 5). Nos humanos, as ideias, hábitos e crenças podem mudar, por causa da sociedade em que eles estão inseridos e as experiências sociais por que passam, e cada indivíduo que passa deixa para trás uma experiência que é usada para educar os que vierem depois dele. A transmissão garante a renovação da vida social, assim como da vida em sentido biológico: uma formulação desse princípio se expressa em termos de que a vida orgânica é contínua com a vida social, e ambas se caracterizam pela renovação e mútua adaptação entre o organismo e seu meio. Claro está que a reprodução de um grupo social não depende só do aspecto físico, mas especialmente da comunicação. “Não só a vida social se identifica com a comunicação de interesses, como também toda a comunicação (e, por conseguinte, toda genuína vida social) é educativa” (DEWEY, 2008, p.7). A sociedade é mantida pelo intercâmbio que há entre seus membros, que torna possível o interesse em comum por algo, que é exatamente o que os une como comunidade.

A educação serve como um mecanismo de controle para que haja crescimento, tanto da vida individual como social. A relação conexas dessas duas formas de vida se estabelece e se expressa nas condições do meio ambiente. “O meio ambiente consiste naquelas condições que desenvolvem ou embaraçam, estimulam ou inibem, a atividade característica de um ser vivo” (DEWEY, 2008, p.12). O meio, conforme se vê, é constituído de todas as coisas que se fazem condição para tal atividade. Assim, quando os indivíduos se comunicam, começam a ter uma atividade associada com a vida de outros e passam a constituir um ambiente social. Por meio da comunicação, as ações se tornam integradas e interdependentes. Numa sociedade complexa e diversificada, é preciso ensinar os jovens a compartilharem as mesmas experiências que o resto da comunidade, e isso deve-se fazer utilizando a linguagem. “O meio social cria as atitudes mental e emocional do procedimento dos indivíduos” (DEWEY, 2008, p.17). O meio social tem uma influência na formação da atitude das pessoas diante do que é comunicado, seja intencionalmente ou não.

Para Dewey (2008), a adaptação é uma demanda constante, de modo que o organismo precisa mudar de acordo com o ambiente e, ao fazer isso, o ambiente se adapta ao indivíduo, formando um ciclo de mútua adaptação a tais mudanças. O pensamento reflexivo, conforme muito bem percebe Gasque, é o grande mecanismo individual de adaptação, conforme a situação descrita por Dewey. É preciso estar constantemente fazendo uma reflexão acerca dos fatos para adquirir novos conhecimentos e informações, que serão úteis para outras reflexões, e essas reflexões fazem o indivíduo mudar e obter novas informações e conhecimentos. A informação, nesse contexto, pode adquirir um sentido especial: ela é um recurso vital para a adaptação ativa entre indivíduo e ambiente, e é ainda o conteúdo dos processos de comunicação aos quais Dewey dá tanta importância. É com base nas informações, e na maneira como serão utilizadas, que os indivíduos podem aproveitar dos recursos do meio para renovar sua existência.

Hoje em dia, o ambiente social é frequentemente descrito como ‘Sociedade da Informação’, mas há certo problema com essa terminologia. Apesar de haver muito mais informação, nem todas as que estão disponíveis são úteis e interessantes a quem tem acesso a elas, e nem todas acabam ajudando o indivíduo em uma reflexão verdadeira. É preciso ensinar as pessoas a usar corretamente a informação pois, caso contrário, em que pese sua abundância, ela pode não se converter em recurso ambiental. A sociedade precisaria desenvolver órgãos e estratégias para construir uma atitude informacional mais rigorosa e sofisticada em seus componentes. Interessante destacar, antes de seguir adiante, que a mesma tonalidade ambientalista e adaptativa encontrada no pensamento de Dewey é também observada em escritos sobre o letramento informacional. Um representante bastante conhecido desta posição, em que o letramento informacional é uma estratégia de adaptação, é o próprio Paul Zurkowszi em seu trabalho fundante, de 1974. Além disso, na posteridade, um leitor atento pode encontrar traços mais ou menos explícitos da perspectiva adaptativa – que por sua própria lógica segue o princípio deweyano da continuidade – em diversos outros autores que tratam do tema do letramento informacional.

## A TEORIA DO CRESCIMENTO E O LETRAMENTO INFORMACIONAL

As expressões ‘aprendizado ao longo da vida’ e ‘aprender a aprender’ são frequentemente encontradas em estudos sobre letramento informacional. Temos como exemplo Dudziak (2003, PP. 29-30), em específico quando afirma que “diretamente ligada como está ao aprender a aprender e ao aprendizado ao longo da vida (*lifelong learning*) a educação voltada para a *information literacy* (...) é o caminho que os leva a ela” (DUDZIAK, 2003, p. 31, ênfase no original). Kelley Gasque se refere aos “conceitos utilizados no âmbito do letramento informacional com ênfase no aprendizado ao longo da vida” (GASQUE, 2010, p. 84). E, mais notavelmente, ressalta que o “letramento informacional possibilita, mais do

que a aquisição de conteúdos e competências, a sabedoria do aprender a aprender” (GASQUE, 2010, p. 90). Em outro trabalho (MATOS, 2015) já foi discutida a ocorrência desses conceitos em importante documento de circulação internacional sobre o letramento informacional, o relatório da American Library Association (ALA) de 1989 que, aliás, é citado por muitos estudiosos do Brasil em seus escritos. Segundo se pode ler no relatório, o letramento informacional, quando se desenvolve nas pessoas, “não apenas as prepara para o aprendizado ao longo da vida; mas, ao experimentar a excitação de suas próprias buscas bem-sucedidas pelo conhecimento, ele também cria nas pessoas jovens a motivação para perseguir a aprendizagem durante suas vidas” (ALA, 1989, p. 2). Veja-se o recurso às mesmas expressões, feito na intenção de definir as habilidades próprias de quem é letrado em informação.

Um dos casos mais notáveis do emprego dessa terminologia em anos recentes é o trabalho de Marta da Mata e Helen Casarin “A formação do bibliotecário e a competência informacional: um olhar através das competências (2010). Ali encontram-se passagens em que “supõe-se que a biblioteca e as instituições de ensino devem estar ancoradas em um mesmo objetivo, de formar aprendizes capazes de analisar, interpretar, refletir, aprender a aprender e aprender ao longo da vida” (DA MATA e CASARIN, 2010, p. 302). Em sua definição inicial do letramento informacional, a expressão ‘aprender a aprender’ é repetida seis vezes, somente nas duas primeiras páginas do trabalho. E mesmo assim, não se encontra uma explicação detalhada do sentido em que a expressão é usada, como aliás, se observa em diversos outros estudos do mesmo tipo. Vemos que, desde essa fonte de referências, já se encontra a replicação de uma consciência tácita de que a ‘aprendizagem ao longo da vida’ e o ‘aprender a aprender’ representam características inerentes à pessoa letrada em informação. Contudo, nem sempre encontramos uma definição ou interpretação mais explícita do que é entendido por estes termos. Um leitor mais crítico poderia sentir falta da explicação, ou teoria, por trás desta terminologia.

O que se observa nas citações e nas diversas outras ocorrências dessas expressões é que, embora sejam usadas para explicar o que os autores estão entendendo por letramento informacional tal como se observa no comportamento de seus possuidores, as próprias expressões não são suficientemente explicadas. Assim como a referência à fonte original da teoria da ‘aprendizagem ao longo da vida’ e da capacidade de ‘aprender a aprender’ não é apresentada. Aqui se pretende mostrar que ambas as expressões são oriundas do pensamento de John Dewey. E mesmo Kelley Gasque, que explicou de modo muito bem-sucedido em seus trabalhos aqui mencionados, a relação da obra de Dewey com o letramento informacional, não chegou a oferecer um levantamento conceitual preciso das teorias deweyanas do ‘aprender a aprender’ e da ‘aprendizagem ao longo da vida’.

No quarto capítulo de *Democracia e Educação*, o autor desenvolve uma concepção específica e original do crescimento. A concepção surge no contexto da renovação da vida social, e da forma como as sociedades determinam seu próprio futuro, através de “dirigir as atividades dos mais jovens” (DEWEY, 2008, p. 46). A expectativa que move Dewey em sua argumentação é a de que o crescimento pode ocorrer em uma direção desejável para os melhores interesses do indivíduo e da sociedade. Como se espera tornar claro mais adiante, tanto o aspecto individual quanto o aspecto social do crescimento, conforme Dewey, possuem sérias implicações para os fundamentos de qualquer concepção rigorosa e sólida do letramento informacional. Segundo Dewey: “O movimento acumulativo da ação em direção a um resultado posterior é o que se quer dizer com crescimento” (DEWEY, 2008, p. 46). Destaque-se o aspecto acumulativo do crescimento, que aproveita ou resgata as ações e experiências anteriores. Claro que Dewey fala de crescimento não meramente no sentido físico, mas do crescimento de capacidades, disposições e habilidades. A expressão ‘movimento da ação’ deixa claro que sua preocupação é o crescimento no sentido de comportamento inteligente; seria relevante indagar pelas condições que favorecem ou impedem esse processo, e quais as relações ele mantém com o uso competente das informações e o processo social de comunicação.

É preciso, a partir daqui, acompanhar o pensamento do autor mais de perto e, com uma explicação dos movimentos argumentativos de seu discurso, revelar os elementos que comprovam a hipótese principal deste trabalho. Dewey afirma que “a condição primária do crescimento é a imaturidade” (DEWEY, 2008, p. 46). O termo ‘imaturidade’, por óbvio que pareça, denota a condição de possibilidade de um agente crescer e se desenvolver, pois só pode amadurecer o que ainda não amadureceu. Mas o sentido profundo do termo na filosofia de Dewey expressa sofisticada visão teórica acerca do desenvolvimento de capacidades e hábitos. Para Dewey, ‘imaturidade’ não significa algo negativo, não se deve entender a palavra no sentido de incapacidade, fraqueza, ausência. Nesse horizonte, “quando dizemos que a imaturidade significa a possibilidade de crescimento, não estamos nos referindo à ausência de poderes que podem existir em um momento posterior; expressamos uma força positivamente presente – a habilidade de se desenvolver” (DEWEY, 2008, p. 46). Este é justamente o aspecto renovador e progressista de sua filosofia do conhecimento e da aprendizagem, que rompe com a tradição epistemológica clássica, em direção a uma visão evolutiva do ser humano e da sociedade. Por essa ruptura é que Dewey se tornou, no século XX, uma influência tão significativa em assuntos de educação, aprendizagem e em toda investigação acerca do controle inteligente das condições de vida social.

A imaturidade, entendida como um poder ou força, torna possível descrever significativamente o ser humano em sociedade como um ser que não se reduz a um “padrão ideal ou fim estático” (DEWEY, 2008, p. 47). Essa é a primeira pedra lançada nos fundamentos daquilo que hoje se chama de letramento informacional: o indivíduo não pode ser chamado de letrado ou competente - em um ambiente de profundas e rápidas mudanças ocasionadas pelo fluxo de informação – se suas ações seguem um padrão fixo, rotineiro e repetitivo. A possibilidade de posterior crescimento, de usar os recursos do ambiente (informacional) para modificar suas crenças, valores e procedimentos, ou seja, a imaturidade como potência é a condição para que se possa dar sentido a esse processo, recentemente descrito como ‘letramento informacional’.

Como evidência observável de que a imaturidade é uma força ou poder para o crescimento, Dewey destaca “dois traços principais da imaturidade: dependência e plasticidade” (DEWEY, 2008, p. 47). Esses são os aspectos que, no comportamento das pessoas, representam a parte empírica, concreta, evidente, da possibilidade do crescimento no sentido comportamental e da inteligência. A palavra ‘dependência’ representa o aspecto social, ou interpessoal do crescimento, e a palavra ‘plasticidade’ representa seu aspecto individual ou pessoal.

“Dependência” significa, portanto, uma capacidade social pela qual o indivíduo estabelece ligações com os outros, a fim de tornar possível a comunicação e a cooperação em atividades de interesse comum. Mediada pela comunicação, a aprendizagem e a coordenação de ações conduz os indivíduos ao crescimento. Nos indivíduos que manifestam a imaturidade em algum grau, a dependência representa o que Dewey chama de “equipamento de primeira ordem para o intercurso social” (DEWEY, 2008, p. 48). O exemplo mais nítido de dependência como traço da imaturidade é o das crianças. Ao depender de controle e auxílio dos adultos, elas adquirem as informações, conhecimentos e valores de conduta necessários para a participação na vida social. Entretanto, Dewey denuncia como uma ilusão perigosa a crença de que nos adultos a dependência tenha desaparecido, ou que seja algo indesejável. Ele observa que “dependência denota um poder antes de uma fraqueza; ela envolve interdependência” (DEWEY, 2008, p. 49). Trata-se da mesma interdependência ou intersubjetividade que, afinal, é sempre reconstruída pela comunicação, e sempre renovada e aprofundada pelos artefatos da informação.

Ser dependente significa estar ligado aos outros, e por meio de tal ligação obter sucesso na perseguição de seus objetivos. A ligação não necessariamente é física, é antes uma ligação intelectual, ou um compromisso com interesses e atividades em comum. Assim Dewey define a comunicação: “A comunicação que assegura participação em um entendimento comum é aquela que assegura

disposições intelectuais e emocionais similares – modos semelhantes de responder a expectativas e exigências (DEWEY, 2008, p. 7). Num ambiente social de mudança, onde conhecimento e informação crescem e se tornam cada vez mais decisivos, a adaptação exige o estabelecimento de ligações, redes e canais de comunicação. Isso tudo só é possível para uma população relativamente competente em lidar com tais aspectos do ambiente, e um traço imprescindível é justamente a mútua dependência aqui descrita por Dewey.

A par deste aspecto intersubjetivo, Dewey detecta, como traço individual do poder para crescer, a plasticidade. Tal característica se define como a “habilidade de aprender com a experiência, o poder de reter dos fatos alguma coisa aproveitável” (DEWEY, 1959, p.49). A conduta de alguém manifesta plasticidade sempre que uma nova informação - ou uma nova interpretação da informação - resulte em mudança. Aquele indivíduo que modela seu comportamento na sua relação com as outras pessoas, com as coisas e com as informações a que tem acesso, é dotado de plasticidade. Agora, assim como a dependência – sendo um traço social – é entendida em relação com a comunicação, a plasticidade - sendo um traço individual - é entendida em relação com os hábitos. A plasticidade, portanto, permite a mudança e criação de hábitos.

Dewey emprega o termo ‘hábito’ em um sentido técnico que é comum ao ambiente intelectual da primeira metade do século XX. Pode-se entender esse sentido como descrito a seguir:

Dewey concebe um hábito como uma disposição para a ação, um prontidão do organismo para manifestar um comportamento determinado, diante de certo conjunto de estímulos. As capacidades, habilidades e virtudes atribuíveis a um sujeito não são consideradas por ele como características privativas. Dewey rejeita a análise de um sujeito individual que possa ser concebido em separado do ambiente, e desde o início inteiramente constituído. Ele refere-se antes à contínua interação entre o indivíduo e o seu ambiente. Por isso a descrição fixa de um sujeito dotado de tais e tais qualidades, resultaria em uma abstração, em uma idealização (MATOS, 2012, p. 152).

Por isso, não devemos pensar em hábitos apenas como tendências rotineiras, automáticas e fixas de ação, porque para Dewey, até mesmo o pensamento criativo se explica em termos de hábitos, e a própria plasticidade incide justamente sobre os hábitos. Entenda-se que criar hábitos é essencial para promover a adaptação do indivíduo ante mudanças e transformações no meio em que desenvolve sua atividade. Diz ele: “A adaptação, finalmente, é tanto a adaptação do meio à nossa atividade, como a de nossa atividade ao meio” (DEWEY, 2008, p.52). Já foi discutida anteriormente a importância da ideia de adaptação para a compreensão do letramento informacional. A pessoa letrada, em linhas gerais, se adapta às exigências de um ambiente sempre em transformação, transformando a informação em recursos para modelar sua ação individual e suas relações pessoais, intelectuais e organizacionais com as outras pessoas.

## **O HÁBITO DE ‘APRENDER A APRENDER’ E A ‘APRENDIZAGEM AO LONGO DA VIDA’**

É essencial que se compreenda o quanto a dependência e a plasticidade são fundamentais para a adaptação ativa das pessoas ao meio social. A definição técnica da educação, dentro da teoria de Dewey, envolve adquirir hábitos que ajudam na adaptação ativa do ser humano ao ambiente. Dewey diz, também, que vida é desenvolvimento; com base nesse pressuposto, o processo de crescimento não possui um fim ou padrão definido: é um processo contínuo de transformação.

Desde que em realidade o desenvolvimento ou crescimento é apenas relativo a um maior desenvolvimento ou crescimento, a nada se subordina a educação, a não ser a mais educação. É lugar-comum dizer-se que a educação não cessa ao sair-se da escola (DEWEY, 2008, p. 56).

A partir dessas considerações é possível concluir que o letramento informacional envolve aprender com a experiência, e guardar disposições que possam ser aproveitadas para outras situações. O modelo explica o letramento informacional como uma preparação para fazer uso da informação

como um recurso, a favor da reconstrução e da renovação da experiência individual e social. Em outros termos, o letramento informacional é um traço do comportamento cognitivo e social que promove uma vantagem adaptativa e uma via para o crescimento.

Especificamente acerca dos hábitos, Dewey atribui a eles acentuada importância em sua descrição das atividades práticas e intelectuais das pessoas. Ele critica a tendência a falar de hábitos apenas em termos de “sua identificação com modos externos e mecânicos de ação em negligência a atitudes mentais e morais” (DEWEY, 2008, p. 53). Sua proposta é que a aprendizagem e o crescimento são mais bem compreendidos se aceitarmos que tais atitudes se compõem de complexos de hábitos funcionando de maneira integrada. Para ele: “Um hábito também marca uma disposição intelectual” (DEWEY, 2008, p. 53). Essa posição é relevante, entendendo que Dewey critica o comportamento repetitivo, automático, crédulo e individualista, sem criticar com isso a busca pela constante reformulação e desenvolvimento de bons hábitos, especialmente hábitos de reflexão e seleção de informações. Conforme se tentou mostrar em outro trabalho:

É importante reconhecer que, se tal interpretação faz sentido, a conclusão inevitável é compreender o letramento informacional como um hábito, ou conjunto de hábitos; não no sentido automático e repetitivo, mas no sentido de uma disposição para agir de forma definida, diante das situações que se apresentam (MATOS, 2015, p. 8).

E, naturalmente, um conjunto de hábitos que se alimenta de seu próprio uso, que constitui um crescimento e abre a possibilidade de mais crescimento.

Quanto a isso, Dewey oferece uma das passagens mais marcantes de *Democracia e Educação* que, aliás, se tornou objeto de tantas referências na cultura científica e filosófica da posteridade, que muitas vezes é repetida sem o conhecimento da fonte. Ele afirma: “Uma possibilidade de progresso contínuo é aberta pelo fato de que, ao aprender um ato, se desenvolvem bons métodos

para o uso em outras situações. Ainda mais importante é o fato de que o ser humano adquire o hábito de aprender. Aprende a aprender” (DEWEY, 2008, p. 50). Eis a expressão a que muitos documentos científicos se referem como um atributo da pessoa letrada em informação: ela ‘aprende a aprender’ (*learn to learn*). Dudziak, por exemplo, no artigo em que examina exaustivamente o desenvolvimento do campo do letramento informacional, referindo-se à vasta fundamentação teórica internacional, menciona o ‘aprendizado ao longo da vida’ (*lifelong learning*) e o ‘aprender a aprender’ (*learn to learn*) como dois dos sete atributos das pessoas letradas em informação (DUDZIAK, 2003).

Pensando em Dewey e na sua teoria do crescimento, é preciso supor que, para um indivíduo ser considerado letrado informacionalmente, ele prolongue sua imaturidade como condição de crescimento. É um requisito da pessoa letrada em informação que ela manifeste tanto a dependência quanto a plasticidade. Somente segundo tal manutenção da imaturidade, resolvida em termos da dependência e da plasticidade, pode uma pessoa se habilitar ao ‘aprendizado ao longo da vida’ (*lifelong learning*), que os teóricos do letramento informacional costumam mencionar. Estar pronto para um crescimento que não possuir termo, estar pronto para viver a vida de aprendiz no exercício da cidadania e da profissão exige uma relação de interdependência com os outros. Tal relação se manifesta na convivência direta e na comunicação da informação veiculada pelos mais diversos suportes, hoje multiplicados pelas tecnologias da informação: exige dependência. Além disso, estar pronto para um crescimento caracterizado pelo ‘aprendizado ao longo da vida’ exige a abertura para novas crenças, novas maneiras de interpretar e selecionar conhecimento, novas formas de perceber aspectos relevantes do mundo à nossa volta, a fim de reconstruir nosso comportamento e nossos hábitos intelectuais: exige plasticidade.

Assim, a pessoa letrada em informação nunca atinge um padrão fixo, nunca se forma segundo um modelo definitivo, ela está sempre aprendendo, e sempre modificando o rumo de sua própria aprendizagem, segundo sua relação imensamente complexa com as outras pessoas e com o ambiente informacional, cultural, social ao seu redor. Talvez por isso o termo ‘competência’ seja evitado por Gasque e outros estudiosos, a fim de impedir o mal-entendido de que se esteja falando de capacidades que uma vez atingidas, não mais se modificam. Gasque diria: “O letramento informacional tem como finalidade a adaptação e a socialização dos indivíduos na sociedade da aprendizagem” (GASQUE, 2010, p. 86). Para reforçar a noção de constante crescimento, que se dirige a ainda mais crescimento, é que muitos estudiosos fazem a opção de traduzir ‘*information literacy*’ por ‘letramento informacional’.

Seria interessante, antes de encerrar esse ponto, recordar algo sobre o pensamento reflexivo, tal como aparece descrito por Dewey em *Como Pensamos*. A atitude reflexiva, denominada por Dewey investigação, depende de uma situação adequada para surgir e se desenvolver. Segundo o autor: “A necessidade da solução de uma dúvida é o fator básico e orientador em todo o mecanismo de reflexão” (DEWEY, 1997, p.11, ênfase no original). Então a investigação, a princípio, é o esforço para solucionar uma dificuldade, uma situação de indecisão ou questionamento, uma necessidade de solução, ou seja, uma dúvida. Agora, quanto mais reflexivamente uma pessoa age, mais ela considera as alternativas, melhor ela seleciona as informações sugeridas por diversas fontes, mais detidamente e rigorosamente ela interpreta e analisa as informações a que pode ter acesso em sua busca de solução.

Conseqüentemente, o treinamento do pensamento reflexivo exige um prolongamento da situação de questionamento ou dúvida. Dewey nos diz, ao fim do primeiro capítulo de *Como Pensamos*, que “o fator mais importante no treinamento de bons hábitos mentais consiste em adquirir a atitude de suspender a conclusão” (DEWEY, 1997, p. 13).

‘Suspender a conclusão’ significa persistir no exame das alternativas, manter e prolongar a atitude de aprendizagem e de investigação. Logo a seguir ele completa: “Manter o estado de dúvida e conduzir a investigação sistemática e prolongada – esses são os elementos essenciais do pensamento” (DEWEY, 1997, p. 13). Ora, não é causal que Dewey acentue para o pensamento reflexivo o prolongamento e a manutenção da dúvida, e para o crescimento, acentue o prolongamento e a manutenção da imaturidade. Fortalecer a atitude de aprendizagem, questionamento e seleção rigorosa das informações exige que seja desse modo. A atitude contrária é de prontidão para aderir a conclusões e soluções imediatamente, bem como de negligenciar a discussão e a comunicação como fontes de crescimento. Tudo isso é o inverso do que se espera da pessoa que é letrada em informação, como deve ter ficado claro após a discussão que anteriormente se tentou apresentar.

## **LETRAMENTO INFORMACIONAL, CRESCIMENTO E DEMOCRACIA**

A busca por uma fundamentação do letramento informacional na teoria do crescimento de Dewey, justificada pela terminologia que já se observa em estudos sobre o tema, amplia e aprofunda os objetivos das iniciativas de promoção desse tipo de competência, muito além do campo da eficiência acadêmica e profissional, em direção a uma reconstrução ampla e constante da experiência social e individual: a teoria do crescimento é uma fundamentação mais rigorosa e mais radical do campo aqui discutido. Tal fundamentação é reforçada pelo entendimento de comentaristas como Larry Hickman, que oportunamente afirma que o “crescente comprometimento com o que Dewey chama ‘genuína’ formação de conceitos irá armar os aprendizes com métodos de investigação que podem continuar a ser aplicados e aperfeiçoados através de toda a vida – bem depois de completar o processo de educação ‘formal’. Aprendizagem ao longo da vida, na visão de Dewey, é um elemento-chave para as democracias autossustentáveis” (HICKMAN, 2008, p. 133).

O aparecimento da palavra ‘democracia’ nesta passagem é essencial para a compreensão do ponto culminante do argumento aqui apresentado.

A força adaptativa do letramento informacional não pode ser medida apenas pelo aumento do poder que ele fornece para que os indivíduos se acomodem a novas circunstâncias no mundo do trabalho, da educação, da pesquisa científica e do contato com a mídia. A força adaptativa precisa ser medida em termos do poder de controle inteligente, de comunicação e de capacidade de renovação da vida social que o letramento fornece. É a isso que se tem chamado de adaptação ativa, de modo que:

Crescer é o processo do ativo envolvimento do agente com o controle inteligente do seu ambiente através do uso das coisas. O agente é responsável pelas consequências futuras de suas ações e pensamentos e, portanto, por resolver problemas e conflitos na vida cotidiana (SAITO, 2006, p. 83).

Conforme se vê nesse trecho, Naoko Saito, em sua consideração da questão, introduz o leitor na indagação acerca de consequências de longo alcance a serem perseguidas por qualquer iniciativa de promover o letramento informacional. Tudo isso é ainda mais plausível se o letramento informacional for entendido como uma forma de crescimento.

Finalmente, poderia ser o caso, aqui, de se ensaiar uma objeção contra o estabelecimento da teoria deweyana do crescimento como fundamento para uma concepção viável de letramento informacional. Primeiro, o letramento poderia ser criticado por se tratar de mero adestramento das pessoas para buscar e processar a informação necessária na realização de tarefas preconcebidas, num esquema de organização previamente estabelecido. Observamos essa compreensão tecnicista em concepções como a seguinte: “Como nessa lógica a informação é um fator de produção, é possível falar de uma competência específica, qual seja, a competência para lidar com a informação – a competência informacional. Esse é um tipo de competência a ser desenvolvido nos mais diversos tipos de trabalho e nas mais diversas organizações” (MIRANDA, 2004, p. 113). A primeira versão do criticismo

então, se volta contra a restrição da competência (ou letramento) informacional aos interesses produtivos das organizações, desprezando com isso os múltiplos interesses e objetivos, em constante reconstrução em inúmeros aspectos da vida social. Ainda: “Essa competência pode ser expressa pela *expertise* em lidar com o ciclo informacional, com as tecnologias da informação e com os contextos informacionais” (MIRANDA, 2004, p. 118). Seria alvo desta crítica, especificamente, a abordagem do letramento informacional como uma competência específica, predominantemente ligada ao contato com a tecnologia: A abordagem tecnicista é criticada por não dar ênfase suficiente aos processos cognitivos e nem aos fatores sociais da vida, que estão envolvidos na relação das pessoas e organizações com a informação.

Em segundo momento, o letramento poderia ser criticado na medida em que é entendido como um processo meramente individual. O individualismo, nesse caso, sendo entendido negativamente como a negligência da comunicação e dos interesses sociais - e mesmo políticos - sobre os quais toda a demanda de informação no mundo de hoje está inscrita. E a segunda parte da crítica parece recair sobre o letramento fundamentado no ‘aprender a aprender’ e na ‘aprendizagem ao longo da vida’. Seria como se faltasse a essa fundamentação, diria o crítico, a consciência da implicação social e política da informação, e dos seus processos de busca, interpretação e uso. Seria preciso defender a teoria do crescimento de Dewey desse criticismo, se for para manter a tese de que tal teoria é um fundamento importante do letramento informacional.

Jerome Popp, em seu livro *Evolution's First Philosopher – John Dewey and the Continuity of Nature* (2007), dá uma indicação importante nessa direção, quando afirma que “a democracia, para Dewey, é uma ética cultural que deriva sua força normativa de sua concepção de crescimento, que é ela mesma uma noção evolutiva” (POPP, 2007, p. 85). Antes já foi destacada a relação que tem o crescimento, para Dewey, com a aspiração democrática. E essa é a solução para a crítica, em termos do individualismo

negativo de que se poderia vir a acusar as teorias do letramento informacional. A forma de vida social onde os interesses se interpenetram mutuamente, e na qual a readaptação é um fator básico, é a forma de vida que dá origem à democracia, sobretudo nas sociedades mais interessadas na educação deliberada e sistemática. “Uma sociedade móvel, cheia de canais distribuidores de todas as mudanças ocorridas em qualquer parte, deve tratar de fazer que seus membros sejam educados de modo a possuírem iniciativa individual e adaptabilidade” (DEWEY, 2008, p.94). Dewey explica, com isso, que a democracia não é simplesmente um tipo de governo, a democracia é, primeiro e acima de tudo, uma forma de vida social onde há experiências conjuntas que são mutuamente comunicadas.

Para ele, “uma sociedade é democrática na proporção em que prepara todos os seus membros para com igualdade aquinhoarem de seus benefícios e em que assegura o maleável reajustamento de suas instituições por meio da interação das diversas formas da vida associada” (DEWEY, 2008, p.106). Então, a resposta à crítica acerca do aspecto negativo do individualismo estaria suficientemente respondida, quando se compreende que o aperfeiçoamento individual possui forte impacto na comunidade. Somente pessoas letradas em informação dirigem suas vidas visando ao crescimento constante. E somente visando ao crescimento constante, é que as pessoas podem participar ativamente do projeto de reconstrução e controle inteligente da sociedade, que é a democracia.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sabe-se bem o quanto o letramento informacional é vinculado a uma série de competências observáveis, descritas recentemente em muitas pesquisas admiravelmente bem-estruturadas do ponto de vista metodológico e cuja aplicação prática estende o campo de atuação das ciências da informação, de uma maneira extremamente afinada com as exigências do ambiente social contemporâneo. Entretanto, subsiste uma perspectiva de que o letramento vise a uma mudança social de larga escala. E tal mudança é bem representada pelas versões contemporâneas da vida democrática.

Um leitor crítico poderia certamente admitir, como se faz no presente trabalho, que é bem mais profundo filosoficamente - e muito mais interessante cientificamente - pensar o letramento em termos de constante crescimento para toda a vida, em vez de pensar no letramento junto com a teoria das competências específicas. A concepção de letramento informacional, carregada como é de um apelo ao hábito de 'aprender a aprender' e da 'aprendizagem ao longo da vida', direciona as pesquisas e, em geral as iniciativas de promoção do letramento informacional para algo mais do que a formação de competências no uso das ferramentas e tecnologias de informação, ou no acesso a fontes de informação e pesquisa científica. Além dessas habilidades, a concepção orientada pelo crescimento constante tem seu foco na formação de hábitos de crescimento da inteligência, superando certo instrumentalismo que muitas vezes aparece em pesquisas sobre competência (ou letramento) informacional.

Dewey espera convencer seu interlocutor de que o crescimento é algo que exige condições adequadas. E não há como alguém crescer intelectualmente sem ter experiências e contato com informações que só pode acessar quando há comunicação de interesses e hábitos entre as pessoas. Uma relação inteligente com a informação ajuda o indivíduo a aprender a aprender, e a mudança social se faz quando há amplo questionamento sobre a maneira como a informação é recebida, oferecida ou disseminada, colocando em foco a qualidade e a autonomia em todos os processos de aprendizagem. A partir dessa consciência e do compromisso com a realização desse objetivo, é possível que haja transformação na direção de mais letramento informacional. Ao incluirmos essas teorias na discussão, resulta disso melhor entendimento da ligação dos processos de crescimento com a vida social, que é exatamente a condição mais importante para que se possa significativamente falar de letramento informacional.

## REFERÊNCIAS

AMERICAN LIBRARY ASSOCIATION - ALA. *Presidential Committee on Information Literacy: final report*. Washington, D. C., 1989. Disponível em: <<http://www.ala.org/acrl/publications/whitepapers/presidential>>. Acesso em: 19 mar. 2016.

CAMPELLO, Bernadete. O movimento da competência informacional: uma perspectiva para o letramento informacional. *Ciência da Informação*, v. 32, n. 3, p.28-37, set./dez. 2003.

DEWEY, John. *Democracy and education: complete works of John Dewey: the middle works 1889-1924: V. 9: 1916*. Carbondale: Southern Illinois University Press, 2008.

\_\_\_\_\_. *Como pensamos: como se relaciona o pensamento reflexivo com o processo educativo: uma reexposição*. 4. ed. [S.l.]: Editora Nacional, 1979.

\_\_\_\_\_. *How we think*. New York: Dover, 1997.

DUDZIAK, Elisabeth A. *Information literacy: princípios, filosofia e prática*. *Ciência da Informação*, v. 32, n. 1, p.23-35, jan./abr. 2003.

GASQUE, Kelley Cristine G. D. Arcabouço conceitual do letramento informacional. *Ciência da Informação*, v. 39, n. 3, p.83-92, set./dez. 2010.

\_\_\_\_\_. *Letramento informacional: pesquisa, reflexão e aprendizagem*. Brasília: FCI/UnB, 2012.

\_\_\_\_\_; CUNHA, Marcus Vinicius. A epistemologia de John Dewey e o letramento informacional. *Transinformação*, v. 22, n. 2, p.139-146, maio/ago. 2010.

HICKMAN, Larry. Evolutionary naturalism, logic and lifelong learning: three keys to Dewey's philosophy of education. In: RECONSTRUCTING democracy, recontextualizing Dewey. New York: State University of New York Press, 2008.

MATA, M. da; CASARIN, P. A formação do bibliotecário e a competência informacional: um olhar através das competências. In: VALENTIM, M. (Org.). *Gestão, mediação e uso da informação*. São Paulo: UNESP, Cultura Acadêmica. 2010.

MATOS, José Claudio. Letramento informacional, crescimento e democracia: um estudo do relatório do *Presidential Committee on Information Literacy* (1989). In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO - ENANCIB, 16., 2015, João Pessoa. *Anais...* João Pessoa: [s.n.], 2015.

SAITO, Naoko. Growth and perfectionism?: Dewey after Emerson and Cavell. In: HANSEN, David (Ed.). *John Dewey and our educational prospect: a critical engagement with Dewey's Democracy and Education*. Albany: State of New York University Press, 2006.

ZURKOWSKI, P. G. *Information services environment relationships and priorities*. Washington, D.C.: National Commission on Libraries, 1974. Disponível em: <<http://www.eric.ed.gov/PDFS/ED100391.pdf>>. Acesso em: 10 maio 2016.